

Noventa anos infinitas histórias - O relógio

Mergulho na piscina para me refrescar e diluir o calor nessa primavera abrasadora. Não recordo de uma Belo Horizonte tão calorenta em novembro. Depois da natação, sento na borda, ao lado da escadinha, e mantenho os pés na água. Reparo o céu de um azul intenso e constato uma fileira extensa de prédios que cobrem como um tapume a Serra do Curral, descaracterizando o horizonte tombado como patrimônio municipal. Os olhos retornam à terra e estacionam na torre do relógio iluminada pelo sol. O relógio se mantém intacto desde a inauguração do Minas Tênis Clube. Presto atenção no formato e no movimento dos ponteiros grandes e pretos em funcionamento, o maior marca 16 horas e o menor 30 minutos. Sempre girando da direita para a esquerda, sem pausa. Horas, minutos e segundos que transformaram vidas e revolucionaram civilizações.

Num piscar de olhos, volto no tempo 90 anos e reparo um grupo de operários, como formiguinhas em atividade laborativa na construção do Clube. Avisto o engenheiro civil responsável pelas obras, Romeo de Paoli entusiasmado com o espaço pioneiro de recreação e lazer. Aproximo e fico a par que a planta original de Aarão Reis para a nova capital mineira, destinava o quarteirão à criação de um jardim zoológico, mas a ideia de proximidade com os animais desagradou aos moradores e aos governantes. Romeo me informa que o prefeito Otacílio Negrão de Lima e o governador Benedito Valadares não aprovaram a escolha do local, uma área residencial nobre em plena expansão e próximo ao Palácio da Liberdade. Decidiram então instalar o zoológico no Parque Municipal, como atração popular. Coitado dos bichos selvagens confinados e enjaulados.

Lavrada a ata de fundação do Clube, em 15 de novembro de 1935, as obras logo começaram em ritmo acelerado. Dia após dia, ano após ano, o Clube ia tomando forma pelas mãos dos trabalhadores. O engenheiro Romeo diz que em breve entregará a praça de esportes, a piscina olímpica com o trampolim em destaque, o playground, os banheiros, vestiários e o prédio do relógio. Pontualmente.

Para não perder a hora, olho novamente o relógio, o engenheiro Romeo já deixou a obra, mas ali ao lado encontra-se o arquiteto italiano Raffaello Berti responsável pela sede social do clube, situada num ponto mais elevado do terreno. Como manifesto Interesse, Rafaello, com sotaque carregado, me leva até a prancheta e descreve o projeto arquitetônico em estilo art déco. Realça que seus trabalhos se ajustam às novidades de arte industrial e decorativa apresentadas em Paris, em 1925. Predominam formas simples e geométricas, nada de rococó nem barroco, traços modernos traduzem suas concepções vanguardistas. Sem parar de falar, caminhamos até o prédio. A fachada chama atenção

de imediato pela harmonia das duas pequenas “torres” envidraçadas e paralelas que se assentam sobre a plataforma da entrada principal. Ah, Rafaello essas torres são como miniaturas de sua cidade natal, Pisa, não é? Ele ri e continua explicando. Na portaria sobressaem o elevador de porta pantográfica, escadaria e pavimento em mármore branco e preto, como um tabuleiro de xadrez. O restaurante e a varanda ressaltam do conjunto proporcionando um ambiente confortável, aprazível e vista panorâmica. Assim como o salão de festas, no andar superior, com requintado assoalho de madeira nobre em taco parquet. Rafaello diz que se sente realizado com as diversas edificações na capital que têm sua assinatura. Pergunto pela inauguração da sede social: - marcada para 12 de maio de 1940 e confirmaram presença o presidente Getúlio Vargas e o governador de Minas Benedito Valadares. Não deixe de comparecer, vai ser um maravilhoso baile.

Observo o clube ao entardecer e o relógio marca 18:00 horas daquele ano de 1940. Mergulha agora na piscina, o jovem nadador Fernando Sabino, de 16 anos, recordista sul-americano na prova de 400metros de costa. Deslisa na raia em cumplicidade com a água. A suavidade das braçadas em ritmo parece um bale aquático, cada braço aflora da lâmina da água, gira 180 graus no ar e perfura a lâmina em remo que impulsiona o móvel corpo para frente, continuamente. Os movimentos contados em segundos pelos ponteiros do cronômetro tornou-o um campeão. Aguardo sua pausa e escuto grilos em sintonia. Fernando se aproxima, atento diz, coincidência ouvir os grilos hoje, pois são o título do meu primeiro livro “Os grilos não cantam mais” que lançarei no próximo ano.

Quase 19 horas e uma chuva arma neste novembro de 2025. Hora de me recolher. O relógio continua sua jornada, a noite avança e o corpo refrescante sente sede e fome de literatura. Sigo em frente para assistir Letra em Cena. Enquanto aguardo a seção retiro da bolsa uma preciosidade, a primeira edição do livro “O encontro marcado”, de 1956. Descubro que as vivências de Fernando Sabino, como nadador do Minas Tênis, inspiraram a criação do protagonista do romance, Eduardo Marciano. O campeão que abandonou a natação para mergulhar na literatura. A veia literária passou a ser sua paixão. De ouro a diamante. O evento inicia e estupefata vejo no auditório os "quatro cavaleiros do Apocalipse", Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Fernando Sabino, prontos para assistir Milton Hatoum com narração de Odilon Esteves. Mais na frente vejo Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Cecília Meireles, Murilo Rubião, Érico Veríssimo, Olavo Romano, Oswaldo França Júnior, Roberto Drummond, Humberto Werneck e Adélia Prado no esplendor dos 90 anos. Um presente especial do Minas Tênis Clube.